

Vol. I

Memórias da Freguesia de Santa Maria de Marvão

Coordenação de Jorge de Oliveira



ابن مروان
IBN MARUAN
Revista Cultural do Concelho de Marvão
Número especial 2025

Apêndice cronológico

cronologia	Acontecimento
Transição da Era	Criação da província romana da Lusitânia, pelo imperador Augusto e fundação da cidade de Ammaia.
Século V	Fim do Império Romano do Ocidente e progressiva afirmação do Reino Visigótico na Península Ibérica. A cidade de Ammaia continua ocupada, registando-se remodelações construtivas e manifestações de aceitação do cristianismo.
711	Fim do Reino Visigodo e início da ocupação islâmica do sul peninsular.
876-877	Fundação de Marvão por Ibn Marwan al-Yil'liqui ("o filho do galego" ou "o galego") ou simplesmente ibne Maruane ou ibn Marwan, líder sufista do al-Andalus que se rebelou contra o emir de Córdoba, criando o 'reino independente' de Badajoz.
Finais século X	Isa ibn Ahmad al-Razi, cronista de al-Hakam II, segundo califa omeya de Córdoba, distingue 'Amaia-das-Ruínas' do 'Monte de Amaia', que seria a fortaleza de Marvão.
1160-1166	Marvão é conquistada pelo primeiro rei português, D. Afonso Henriques.
1226	Marvão recebe foral do rei D. Sancho II.
1271	O rei D. Afonso III doa a vila de Marvão ao infante D. Afonso.
1297	Tratado de Alcanices celebrado entre o rei português D. Dinis e o rei leonês-castelhano D. Fernando IV, através do qual se fixam os limites fronteiriços entre os dois reinos.
1299	O rei D. Dinis reintegra Marvão no domínio direto da coroa, aceitando-se que foi durante o seu reinado que a fortaleza foi reforçada.
1313	Carta de compromisso entre Marvão e Valência de Alcântara, para aplicação de regras comuns no espaço da raia.
1495-1521	Reinado de D. Manuel I, período em que Marvão, que em 1512 recebeu novo foral manuelino, beneficiou de obras de beneficiação e reforço da fortificação e de qualificação do edificado urbano.
1641	Primeiro episódio da <i>Guerra da Restauração</i> no termo de Marvão, assediado pelas tropas castelhanas.
c. 1661	Planta de Marvão com representação das primeiras estruturas abaluartadas, desenhada pelo engenheiro militar Nicolau de Langres.
1662	Esmagamento de traição em Marvão e primeira notícia de obras em curso para reforço da fortificação.
1664	Tropas portuguesas conquistam a praça de Valência de Alcântara.
1668	D. Afonso VI de Portugal e D. Carlos II de Espanha assinam, a 13 de fevereiro, o Tratado de Lisboa, que põe fim à <i>Guerra da Restauração</i> .
1701-1715	<i>Guerra da Sucessão de Espanha</i> : em 1704 Marvão é tomada pelo exército franco-espanhol sob comando do Duque de Berwick; em 1705 o exército português reconquista a praça, sob o comando do Conde de São João, distinguindo-se neste confronto o terço de infantaria comandado pelo Conde de Coculín.
1755	Planta da Praça de Marvão desenhada por Miguel Luiz Jacob, com representação de praticamente todas as estruturas abaluartadas que a compõe.
1762-1763	<i>Guerra Fantástica</i> : em novembro de 1762, a guarnição anglo-lusa de Marvão, comandada pelo capitão Brown, repele uma tentativa de ataque das forças espanholas.
1801	<i>Guerra das Laranjas</i> : Comandadas pelo sargento-mor engenheiro João Miguel da Silva, as forças portuguesas resistem ao ataque do Batalhão de Babastro, força espanhola comandada pelo tenente-coronel D. Ramón Orrell.
1807-1811	<i>Guerras Peninsulares</i> : em 25 de junho de 1808, um corpo de voluntários valencianos, instigados pelo Juiz-de-Fora da Vila de Marvão, assalta vitoriosamente a Praça de Marvão, então governada pelos franceses.
1832-1834	<i>Guerras Liberais</i> : entre 1833 e 1834 Marvão foi palco de diversos episódios opondo miguelistas e liberais constitucionais: em junho-julho, comandada pelo miguelista Coronel Francisco da Silva Lobo, resistiu aos assaltos das forças liberais; em 12 de dezembro foi tomada pelas tropas liberais da <i>Legião Patriótica do Alentejo</i> ; até março de 1834, sob comando do General António Pinto Álvares Pereira e com apoio logístico espanhol, resistiu ao cerco das forças liberais comandadas pelo Brigadeiro António José Doutel.
1846-1847	<i>Guerra Civil</i> : no contexto das perturbações causadas pelas revoltas da Maria da Fonte e da Patuleia, a Praça de Marvão chegou a ser ocupada por forças espanholas comandadas pelo General Concha entre 23 e 25 de julho de 1847.
1922	As fortificações de Marvão, já desativadas da sua função militar, são classificadas como Monumento Nacional – Decreto nº 8228, de 4 de julho.

Ibn Maruán

Teresa Simão

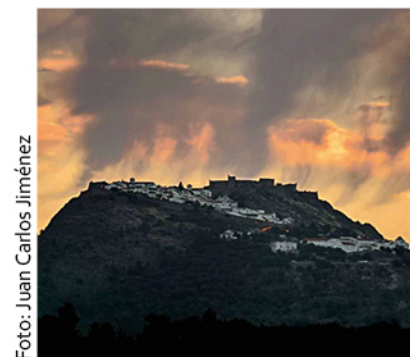


Foto: Juan Carlos Jiménez

Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de SANTA MARIA DE MARVÃO

Com uma área de 23,4 km², esta freguesia é composta pelas localidades de Marvão (sede do concelho), Vale de Ródão, Ponte Velha, Galegos, Registo, Monte de Bai-

xo, Laginha, Pitaranha e Porto Roque – Fronteira de Marvão, totalizando atualmente 398 habitantes²; logo, apresenta uma densidade demográfica de 17,00 hab/ km².

Comparando os dados dos censos de 2011 com os de 2021, verifica-se um considerável decréscimo da população. Se confrontarmos os números atuais com os dos censos anteriores à abertura das fronteiras, o decréscimo chega a ser assustador, pois esta freguesia concentrava diversos serviços associados à alfândega e ao funcionamento da fronteira que entretanto foram extintos e não surgiram grandes oportunidades de emprego que atraíssem novos habitantes.



Fig. 1: Destaque da freguesia de Santa Maria de Marvão.

¹ Mapa cedido pela Câmara Municipal de Marvão.

² Cfr. http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_ficheirosintese (consultado a 23/03/2014) e Censos de 2021.

Ano dos censos	1981	1991	2001	2011	2021
População residente	961	802	645	486	398

Fig. 2: Tabela da evolução da população da freguesia de Santa Maria de Marvão de 1981 a 2021.

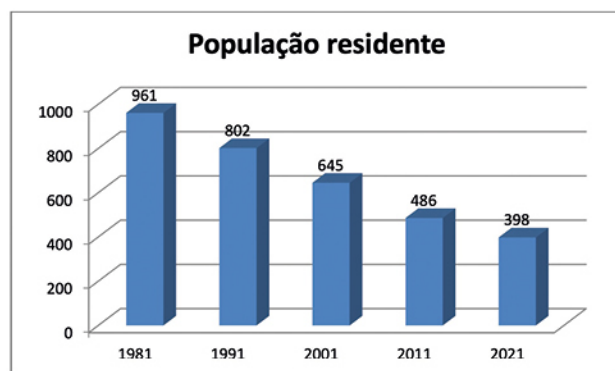


Fig. 3: Gráfico da evolução da população de Santa Maria de Marvão de 1981 a 2021.

Em comparação com as outras três freguesias do concelho, esta é a que apresenta a estrutura demográfica mais envelhecida. Cada vez aumenta mais a população nos últimos grupos etários e diminui nos primeiros.

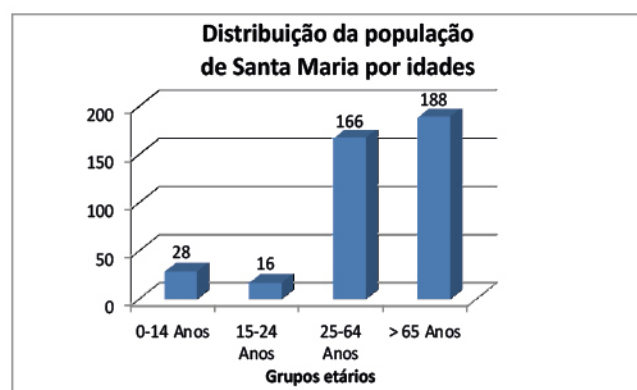


Figura 4: Mapa da distribuição da população de Santa Maria por idades.

No que diz respeito à economia, só uma pequena parte da população idosa ainda se vai dedicando à agricultura, por isso, esta já tem muito pouca expressão. O mesmo se passa com o setor secundário. Já o setor terciário, associado ao potencial turístico da vila de Marvão, é aquele que integra mais população; ainda assim, o número de infraestruturas comerciais continua a ser reduzido.

Quanto ao grau de escolaridade da população, de 2011 para 2021, a taxa de analfabetismo baixou bastante, de 20,16% para 5,02%, o que se justifica não só pela continuidade da frequência do ensino pelos jovens, mas sobretudo pela morte dos muitos idosos que nunca tinham completado o primeiro ciclo do ensino básico. A freguesia de Santa Maria atualmente não possui qualquer escola no seu território; as crianças e jovens das várias localidades distribuem-se pelas escolas de Santo António das Areias e Portagem, ambas pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Concelho de Marvão.

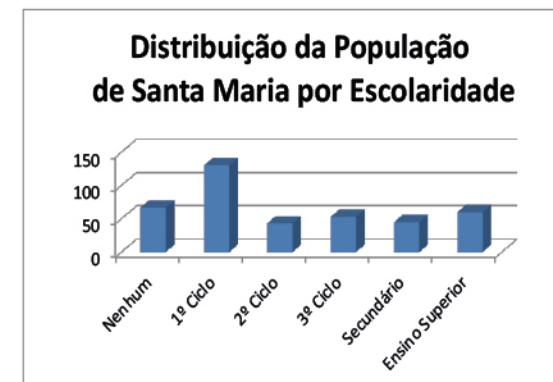


Fig. 5: Escolaridade dos habitantes de Santa Maria em 2021.

Marvão

Fig. 6: Vista aérea da vila de Marvão³

Na freguesia de Santa Maria, a vila de Marvão constitui a sede do município. Esta fica localizada num morro a 860 m de altitude e, desde a sua fundação, representou uma importante fortaleza defensiva de todo o território que constitui o concelho e impressionou quem por cá passou.

³ Foto do espólio da Câmara Municipal de Marvão.

Por exemplo, Pimentel⁴, enquanto administrador do concelho, ao visitar Marvão em 1877, deixou-nos o seu testemunho, destacando a beleza da vila e a sua importância enquanto praça militar: «Nada ha mais phantastico, mais pittoresco, mais agrestemente bello do que o aspecto da fortaleza de Marvão, edificada no topo de alcantis que se eriçam a enorme altura, recortando caprichosamente o fundo azul do céu: Não se trata de um castello, mas de um penhasco fortificado. Parece á primeira vista que jamais os homens lá poderiam ter entrado, que não houve ainda quem subisse por aquelles fragoedos até ir topetar com as nuvens. Lembra um ninho de águias ou de abutres. (...) A imaginação tem então de ceder o passo á realidade. Não estamos n'um ninho de águias nem n'um esconderijo encantado; mas no melhor baluarte que póde defender a fronteira de um reino. (...) Mas como se vive ali, santo Deus! Com a cabeça dentro das nuvens e os braços limitados pelas muralhas! Em derredor, lá muito em baixo, o descampado. De longe a longe, alguns casaes, sentinelas perdidas na solidão.»

Também Manuel Camacho⁵, Ministro do Fomento do Governo Provisório da Primeira República, no âmbito de uma viagem que fez pelo sul de Portugal, se reportou a Marvão destacando a sua altitude e a sua inacessibilidade: «Ergo os olhos para a Serra de Marvão, uma formidável escarpa, e penso (...) que mais vale um avião que um automóvel para chegar lá acima. Mal se adivinha, cá de baixo, a fortaleza, magnifica atalaia que domina os campos de Castela, por aí fora, ninho de aguias quasi inacessível á soldadesca mourisca e ás hostes castelhanas.»

A altitude da vila de Marvão e as vistas deslumbrantes que daí se alcançam não passaram igualmente despercebidas a José Saramago⁶, quando andou por estas paragens e hiperbolicamente escreveu que «de Marvão vê-se tudo». Na sua obra *Viagem a Portugal*, dedicou dois parágrafos a esta vila, dos quais aqui citamos alguns excertos: «Marvão vê-se de Castelo de Vide, mas de Marvão vê-se tudo. O viajante exagera, mas essa é justamente a impressão que sente quando ainda lá não chegou, quando vai na planície e lhe surge, de repente, agora mais de perto, o morro altíssimo que parece erguer-se na vertical. A mais de oitocentos metros de altitude, Marvão lembra um daqueles mosteiros gregos do monte Athos aonde só se pode chegar metido em cestos puxados à corda, com o abismo aos pés. (...) É verdade. De Marvão vê-se a terra quase toda: para os lados de Espanha avista-se Valência de Alcântara, São Vicente e Albuquerque, além duma chusma de pequenas povoações; para sul, pelo desfiladeiro que separa a serra de S. Mamede e a outra, apenas seu contraforte, serra da Ladeira da Gata, podem identificar-se Cabeço de Vide, Sousel, Estremoz, Alter Pedroso, Crato, Benavila, Avis; a oeste e noroeste, Castelo de Vide (...), Nisa, Póvoa e Meadas, Gáfete e Arez; enfim, a norte, estando límpida a atmosfera, a última sombra de azul

é a serra da Estrela: não espanta que distintamente se vejam Castelo Branco, Alpedrinha, Monsanto. Compreende-se que neste lugar, do alto da torre de menagem do Castelo de Marvão, o viajante murmure respeitosamente: «Que grande é o mundo.»

Ao longo dos tempos, várias foram as tentativas de explicar este topónimo⁷, mas optamos por apresentar aqui aquela que nos parece mais plausível. Segundo Adel Sidarus⁸, este topónimo tem origem mourisca. No século X, o historiador cordovês Ibn Áhmad ar-Rázi, ao relatar as proezas de Ibn Máruan, já referia este local como «...o Monte de Amaia, conhecido hoje por Amaia de Ibn Maruán...», designação que evidencia o nome do seu fundador. Este *muladi* inicialmente veio aqui refugiar-se dos emires de Córdoba e, mais tarde, em 877, voltou a Marvão para fundar a fortaleza.

Como já foi referido, a vila foi um permanente palco de guerra, o que condicionou bastante a permanência de população e motivou a construção da quase totalidade dos edifícios dentro das muralhas. Durante o reinado de D. Fernando, mais concretamente em 1378, foi decretada couto de homiziados⁹, sendo assim um dos locais do país para onde eram enviados prisioneiros de guerra e militares, que garantiam o povoamento e podiam auxiliar a nação na defesa da fronteira durante o longo período de guerra com Castela.

Ao longo do século XX¹⁰, e já em período de paz, continuaram as dificuldades de povoar a vila medieval. Em 1953, enquanto o de Portalegre não ficava concluído, funcionou em Marvão o seminário¹¹, o que veio trazer uma verdadeira lufada de ar fresco à vila, que já na altura tinha uma população muito reduzida. Com a saída deste, Marvão voltou à calmaria em que se encontrava e só os turistas lhe têm vindo a dar vida, pois pouca é a população que aí tem a sua residência principal e aí faz vida diariamente.

Para além da câmara municipal, aqui estão sediados os serviços de cartório, finanças, correios, bem como um banco, o que, durante o dia, para aí motiva a deslocação da população de todo o concelho. Já durante a noite, muito poucos são os residentes, totalizando cerca de 225¹².

Todas as habitações estão localizadas intramuralhas; fora delas, existem somente o posto da G.N.R., o centro de saúde, bem como o antigo convento franciscano de Nossa Senhora da Estrela, no qual funciona atualmente a Santa Casa da Misericórdia de Marvão, uma das entidades que mais gente emprega no concelho e onde reside um número considerável de idosos. De notar que a autarquia é proprietária de um

⁷ Cfr. SIMÃO, 2011: 55 – 58

⁸ Cfr. "Amaia de Ibn Maruán: Marvão", in *Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 1, pp. 13 – 26.

⁹ Cfr. INÁCIO, 1993: 173 – 188.

MORENO, 1986: 93 – 99, 105 – 106.

¹⁰ Cfr. CASTANHO, J. Pires (1999 – 2000). "Viragem de século. O que mudou e não mudou em Marvão" in *Ibn Maruán* nº 9/10, pp. 39 – 45.

¹¹ Cfr. PORFÍRIO, João C. (1998). "O Seminário de Marvão (Recordações de Vida)" in *Ibn Maruán* nº 8, pp. 87 – 100.

¹² Dados dos Censos de 2011, referentes aos lugares do concelho de Marvão. De notar que aqui estão incluídos os utentes da Santa Casa da Misericórdia de Marvão, pois, no círculo das muralhas, a população é ainda mais reduzida.

⁴ Cfr. PIMENTEL, 1877: 129 – 132.

⁵ Cfr. CAMACHO, 1931: 162.

⁶ Cfr. SARAMAGO, 2000: 215.

grande número de habitações na vila, que aluga a preços acessíveis, o que permite ir mantendo uma boa parte do número de residentes no interior do burgo.

Atualmente, a vila de Marvão, juntamente com Almeida e Valença do Minho, está a apresentar à UNESCO a candidatura das Fortalezas Abaluartadas da Raia, com o objetivo de conseguir obter o título de Património Mundial. No entanto, independentemente do sucesso ou insucesso dessa iniciativa, a verdade é que esta vila impressiona os moradores e os visitantes pelas características inóspitas do morro em que se situa, pelas paisagens que daí se podem desfrutar¹³, bem como pelo excelente estado de conservação em que se encontra todo o burgo.

A vila de Marvão constitui a atração turística por excelência de todo o concelho. Durante todo o ano, é visitada por um número crescente de turistas, nacionais e estrangeiros, que assim ajudam a dinamizar a economia local e a dar vida às várias ruas de casas fechadas, que, só em períodos de férias ou épocas festivas, voltam a ser habitadas.

No entanto, nem sempre isso aconteceu. No início do século passado, os acessos à vila eram maus, esta encontrava-se completamente em ruínas. Só a partir dos anos 60 e 70 se verificou um interesse de forasteiros pelas suas casas devolutas, que, adquiridas por alguns a preços irrisórios e renovadas, passaram a constituir as suas casas de férias. Contrariamente a essa época, agora é extremamente oneroso adquirir uma habitação no interior do burgo, o que impossibilita muitos marvanenses de aí se fixarem como desejariam e contribui para o seu despovoamento.

¹³ José Andrés Cornide de Folgueira, um espião militar espanhol que passou por Marvão no final do século XVIII, deixou-nos o testemunho do seu deslumbramento relativamente a Marvão: «Quando cheguei ao ponto mais alto do castelo, tive a sensação de me encontrar elevado num balão: sob os meus pés, um extenso país, especialmente para oriente, norte e poente; reconheci, a olho nu, San Vicente, Valencia de Alcántara, El Carvajo [e] Herrera em Espanha, Montalbán [Montalvão] e Castelo de Vide em Portugal e, no tortuoso curso do Sever, a raia que separa os dois reinos até à sua confluência com o Tejo.» Cfr. *Ibn Maruán* nº 9 (número especial), p.26.

Num texto de apoio à candidatura de Marvão a Património Mundial, Francisco Ramos apresenta, de forma inequívoca, a harmonia existente entre a fortaleza e a paisagem que a circunda: «Em Marvão e no território envolvente, existe uma construção paisagística que elegeu a cidadela como ponto de observação privilegiado, onde a estética e a poética deram as mãos, numa paisagem para todas as estações, em que os campos tismados de ouro e sol, de verde e verde-azeitona, alimentam as identidades fraternas e os sentimentos de pertença e fomentam complicitades, por força de uma geomorfologia singular que marcou o vale e as encostas, a fauna, a flora e o Homem.» Cfr. RAMOS, 2014: 279.

Vale de Ródão



Fig. 7: Vista panorâmica da aldeia de Vale de Ródão

Localizada na parte noroeste da freguesia, esta povoação, tal como o nome indica, situa-se num vale bastante recôndito, onde, até há algumas décadas, era difícil ter acesso, o que contribuía para o isolamento dos seus habitantes.

Os poucos moradores (cerca de 47) são essencialmente idosos e os que ainda conseguem dedicam-se à agricultura de subsistência. A população ativa é muito reduzida e trabalha fora da aldeia. Diversas habitações abandonadas vieram a ser compradas por estrangeiros de diversas nacionalidades, que encontraram neste vale uma calma e uma paz singulares e assim têm contribuído para que a despovoamento não seja ainda maior.



Fig. 8: Vista de uma parte da Ponte Velha

Ponte Velha

Como o nome indica, esta localidade caracteriza-se pela existência de uma ponte sobre o rio Sever, que assim permite a ligação entre o nordeste e o sudeste do concelho. O casario é disperso, havendo apenas pequenos focos, quer de um lado, quer do outro das margens do rio. Segundo os censos de 2011, aqui viviam cerca de 30 habitantes.

Outrora, à semelhança do que sucedia em muitas outras localidades do concelho, as águas do rio eram rentabilizadas através de

azenhas e de outros engenhos¹⁵, que assim ajudavam a dinamizar a economia local. Atualmente tudo isso desapareceu, ficando apenas vestígios, e a pouca população residente em idade ativa, por norma, encontra trabalho fora deste aglomerado populacional.

Porto Roque – Fronteira

Esta aldeia era essencialmente formada por um bairro do Estado, cuja primeira fase foi inaugurada a 12 de novembro de 1972, pelo general Américo Tomás, e que se veio a alargar, sendo a segunda fase finalizada em 1976. Ao todo, chegaram a residir ali vinte e quatro famílias, vindas de várias partes do concelho e do país, pertencentes aos vários serviços existentes junto à fronteira,



Fig. 9: Bairro da Fronteira de Marvão.

¹⁵ Cfr. COELHO, 2001, p. 285.

nomeadamente, a alfândega, a guarda fiscal, o turismo e a restauração, o Automóvel Clube de Portugal e a P.I.D.E..

Depois de 1993, esta localidade assistiu a um despovoamento quase completo, bem como à ruína da maioria dos seus edifícios. Os seus habitantes mudaram-se para outras localidades do concelho ou saíram de Marvão.

Após um longo processo de negociação, em 2014, a Câmara Municipal de Marvão conseguiu comprar esse bairro à Direção Geral do Tesouro e Finanças (D.G.T.F.), vendendo, depois, a maioria dos fogos a privados que, entretanto, os recuperaram. Isso atenuou um pouco o despovoamento, no entanto, muitas das casas não constituem habitação permanente, mas sim residência de férias, o que torna o bairro diariamente muito pacato por comparação com outros tempos anteriores à abertura das fronteiras.

Em 1997 (antes do afluxo em massa de turistas a Portugal para visitarem a Expo 98), o antigo edifício da alfândega foi transformado em posto de turismo, mantendo-se durante dez anos. Em 2007, deixou de funcionar como tal.

Entretanto foi alvo de nova recuperação e, atualmente, funciona aí o Centro de Interpretação do Tejo Internacional, bem como é palco de diversas exposições itinerantes.

Galegos

Segundo uma versão lendária dos nossos informantes, este topónimo dever-se-á ao facto de outrora aqui se terem estabelecido gentes do Norte, designadas pe-

los locais como “Galegos”, e que assim se terá começado a formar a aldeia.

Noutros tempos palco de muitas transações comerciais, esta localidade também foi das que muito regrediu no concelho com a abertura das fronteiras e a consequente extinção do contrabando.

Aqui chegaram a existir em simultâneo seis comércios¹⁷, que entretanto foram fechando e atualmente

Fig. 10: Vista aérea da aldeia de Galegos¹⁶.

Foto: Juan Carlos Jiménez

¹⁶ Foto do espólio da Câmara Municipal de Marvão.

conta com apenas dois, bem como um lagar de azeite. Muitos habitantes partiram em busca de melhores condições de vida, outros têm vindo a falecer, sendo a população muito reduzida e bastante idosa. Tendo por base os censos de 2011, na aldeia viviam cerca de 9 pessoas, havendo, contudo, pequenos focos de população à sua volta, nomeadamente, no Registo, na Laginha, no Monte de Baixo e alguma população encontra-se dispersa.

Pitaranha

Situada num extremo do concelho de Marvão, junto à raia, toda a sua história foi, e continua a ser, marcada pela sua localização geográfica.

Durante as Guerras da Restauração e na Guerra da Sucessão, assumiu um papel



Fig. 11: Vista geral da Pitaranha.

de destaque «como posto avançado das nossas tropas»¹⁸.

Até 1993, constituiu um local privilegiado para a prática do contrabando, atividade exercida sempre a par da agricultura e por quase todas as pessoas da aldeia, inclusive mulheres. Aliás, de todas as aldeias do concelho de Marvão, esta era aquela em que a maioria das mulheres também se dedicava à prática dessa atividade ilícita. Se o cultivo da terra garantia o "sustento" da casa, era a arriscada prática do contrabando que permitia aos Pitaranhenses viver

um pouco melhor. De notar que esta atividade era aprendida desde tenra idade e por todos os habitantes da aldeia, sem discriminação de género.

A prática do contrabando era, assim, algo tão enraizado na cultura deste povo que jamais se imaginava o seu fim. No entanto, o imprevisível aconteceu e trouxe consigo inúmeras mudanças na vida desta população. Além de se revelar prejudicial a nível económico, o desaparecimento do contrabando também se refletiu demograficamente, pois verificou-se uma acentuada redução da sua população desde então. Atualmente, aquela que no século XVII foi considerada «la gran ciudad de la Pitaranha»¹⁹

é o local de residência de um número muito reduzido de pessoas, cuja média de idades se situa acima dos 70 anos e onde não habita nenhum jovem. Só no período de férias alguns filhos da terra regressam e esta conhece mais algum movimento. De notar que os naturais da Pitaranha migraram sobretudo para a zona de Lisboa, saindo somente alguns para o estrangeiro, mais concretamente para França e Suíça.

A partida massiva de população e a sua localização na periferia do concelho terão contribuído para a situação de abandono a que esta localidade esteve sujeita durante muitos anos. Só no final do século XX esta aldeia passou a contar com uma estrada asfaltada e já só em pleno século XXI é que foi dotada de água canalizada e saneamento básico.

Estamos, assim, perante a freguesia mais envelhecida do concelho de Marvão e aquela que maior despovoamento apresenta, contrariamente ao que se verificou outrora. Tal sucede não por escassez de recursos naturais e paisagens deslumbrantes, mas porque o reduzido número de serviços e de entidades empregadoras não atrai população residente a Santa Maria.

¹⁷ Estes eram geridos pelos senhores: Nunes, Ventura, Pires, Maria Teresa, Maria "Rala" e Balbina.

¹⁸ Cfr. COELHO, 1982: 15.

¹⁹ Segundo Possidónio Laranjo Coelho, no século XVII (1642), o Duque de Medina Sidónia, ao entrar naquele lugar pacífico junto à fronteira com o seu país, vangloriou-se hiperbolicamente de que havia tomado «la gran ciudad de Pitaranha». Cfr. COELHO, 2001: 116.



A muralha de Marvão, fotografada pelo pai, num dia de nevoeiro

ÍNDICE

VOL. I

• Editorial.....	<i>Luís Vitorino</i>	5
• Mensagem de agradecimento.....	<i>Sandra Paz</i>	7
• Nota de abertura	<i>Jorge de Oliveira</i>	9
• ASPETOS GEOLÓGICOS DA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO	<i>Ana Paula D'Ascensão</i>	13
• ARTE RUPESTRE NA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO - o parto do Ninho do Bufo	<i>Filomena Torres / Jorge de Oliveira</i>	27
• A FORTALEZA DE MARVÃO.....	<i>Luís Fontes</i>	53
• Caracterização demográfica e socioeconómica da freguesia de SANTA MARIA DE MARVÃO.....	<i>Teresa Simão</i>	127
• MEMÓRIAS DA SOR CELEDÓNIA GIL OU HISTÓRIA DAS FUNDAÇÕES EM PORTUGAL DESDE 1932 ATÉ 1977 DAS FILHAS DE MARIA MÃE DA IGREJA.....	<i>Jorge de Oliveira</i>	139
• NOSSA SENHORA DA ESTRELA: UM SANTUÁRIO E AS SUAS IMAGENS	<i>Ruy Ventura</i>	187
• O AZULEJO NA FREGUESIA DE SANTA MARIA DE MARVÃO.....	<i>Ricardo Morais Sarmiento</i>	217
• O DOUTOR JOSÉ ANTÓNIO DO VALLE E A CHAMADA CASA DO BRASÃO EM MARVÃO	<i>Francisco de Azevedo</i>	251
• As redes de poder e a afirmação dos ditames tridentinos na igreja de Santa Maria de Marvão em Setecentos.....	<i>Antónia Fialho Conde</i>	271
• JOSÉ CARRILHO VIDEIRA, O Revolucionário de Marvão	<i>Jorge de Oliveira</i>	275
• HISTÓRIA DE UMA FONTE – uma fonte com história A Fonte do Concelho de Marvão	<i>Emília Mena</i>	327
• MARVÃO - histórias e memórias	<i>Fátima Gomes Esteves</i>	337
• ÍNDICE.....		359